

## **Sustentabilidade, desafio na formação do gestor**

*Maria Tereza Leme Fleury*

Fui convidada para uma conferência nos Estados Unidos, promovida pela Wharton Business School sobre o tema "Crise financeira - uma oportunidade para se repensar as escolas de administração". Curiosamente, sinal dos tempos, a conferência abriu com um painel formado por diretores de escolas de administração do Bric.

Algumas questões nortearam os trabalhos: estamos recrutando os estudantes certos? Estamos formando os gestores, para agir num mundo complexo como o de hoje? Estamos enfim formando lideranças para estes novos cenários?

São perguntas que nos colocamos continuamente no Brasil e com que se deparam os educadores em qualquer parte do mundo.

No caso do Brasil, as primeiras escolas de administração surgiram na década de 1950, respondendo ao projeto de desenvolvimento do País, de substituição de importações e de formação de uma classe de dirigentes para a indústria nacional e para as multinacionais que aqui se instalavam. São desta época as escolas de Administração, de Economia e Contabilidade da Fundação Getulio Vargas (FGV) e da Universidade de São Paulo (USP).

Na década de 1970, período do milagre econômico, em que a economia cresceu a taxas comparáveis às atuais chinesas, foram criados os primeiros cursos de pós-graduação no País, voltados para formação de pesquisadores e professores; secundariamente seriam formados dirigentes para o mundo empresarial. Na década de 1990, com as reformas econômicas, liberação do mercado, privatizações, reestruturação do tecido produtivo, assistimos ao boom da educação executiva.

Hoje existem cerca de 3.420 cursos de graduação no Brasil, 80 programas de pós-graduação e mais de 3 mil cursos de especialização, os chamados MBAs.

Qual o reflexo da crise financeira sobre as escolas de administração no Brasil? Nas matrículas dos cursos de graduação e pós-graduação, o reflexo se fez sentir, principalmente nas escolas mais voltadas para o público de menor poder aquisitivo. No caso dos cursos de educação executiva esta diminuição foi maior. Mas onde ocorreu o maior impacto foi no processo de internacionalização das escolas. Diminuiu a mobilidade de alunos, que iam para o exterior, diminuiu a mobilidade dos professores, diminuíram as possibilidades de organização de conferências internacionais. Ou seja, a crise está afetando o projeto de internacionalização das escolas brasileiras, que acabam se voltando mais para dentro, para o mercado brasileiro.

Ora, para a formação de uma liderança no País, tanto para as organizações públicas como para as privadas, creio que é necessário o desenvolvimento de competências como: o saber transmitir a visão do País e do mundo, ter uma mentalidade global, saber conviver com a diversidade cultural, saber compatibilizar a competitividade, o pensamento estratégico com a cooperação e a sustentabilidade.

Para isto são necessárias mudanças no currículo das escolas e mesmo nos projetos pedagógicos.

Vou comentar a introdução do tema de sustentabilidade econômica, social e ambiental nos currículos das escolas de administração. Em 2006, a Case Western Reserve University promoveu um encontro de lideranças acadêmicas e empresariais para a discussão de como os negócios poderiam contribuir para a construção de um futuro positivo. Uma das demandas patentes foi a dificuldade das empresas em encontrarem jovens profissionais capazes de articular soluções voltadas para sustentabilidade empresarial. Em 2008, o encontro foi replicado no Brasil e os resultados foram semelhantes. Uma das proposições colocadas pelos participantes foi a de investir em educação, reformulando os currículos, privilegiando sustentabilidade, empreendedorismo e responsabilidade social.

Esta proposta pode permear as várias disciplinas do curso de administração ou constituir uma trilha no currículo regular, com disciplinas específicas voltadas para o tema. A segunda opção tem sido mais adotada; a meu ver, o importante é começar e "walk the talk", ou seja começar a praticar o que se acredita e ensina.

Voltando para o seminário de Wharton, o desafio atual para as escolas de administração nos Estados Unidos e em todo o mundo se refere à formação dos estudantes, em termos de valores, princípios de governança corporativa, ética. As mudanças nos currículos têm sido frequentes e em alguns casos semelhantes ao que presenciamos no Brasil. Aprender a lidar com a crise, a procurar outras oportunidades de trabalho, outras oportunidades de empreender são desafios vivenciados por estas novas gerações.

**Fonte: Gazeta Mercantil, São Paulo, 14 abr. 2009, Primeiro Caderno, p. A3.**

A utilização deste artigo é exclusiva para fins educacionais